

Ações de uma associação de usuários, familiares e amigos da saúde mental em uma cidade do estado do Piauí

Actions of an association of users, family members and friends of mental health in a city in the state of Piauí

Jordan Augusto Mota Aragão

Graduando em Enfermagem pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

Leonardo Miranda Ribeiro

Graduando em Enfermagem pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Parnaíba, Piauí.

Daniel Galeno Machado

Enfermeiro Doutorando em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual do Ceará – UECE.

José Jackson Coelho Sampaio

Médico Doutor em Medicina Preventiva pela Universidade de São Paulo – USP.

Maria Rocineide Ferreira da Silva

Enfermeira Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Ceará – UFC.

Resumo

O presente trabalho objetiva apresentar as ações realizadas por uma associação de usuários, familiares e amigos da saúde mental de Parnaíba, Piauí. Trata-se de um relato de experiência, onde a observação das assembleias e atividades coordenadas da associação “Fênix” de usuários, familiares e amigos da saúde mental, durante os anos de 2016 e 2017, foram registradas em diário de campo e utilizadas como subsídio de dados para a produção deste estudo. A associação trabalha com natureza filantrópica e sem fins lucrativos na cidade de Parnaíba, realizando suas assembleias em diferentes espaços do tecido social dos serviços especializados de saúde mental. Foram realizadas ações que visaram a transformação do “ser usuário dos serviços de saúde mental” em “ser cidadão”. Estas ações pautaram-se na exposição das capacidades dos usuários da saúde mental a partir do desenvolvimento de espaços culturais, econômicos, sociais e críticos. Conclui-se que as ações evidenciaram as potencialidades dos usuários da saúde mental enquanto atores sociais e não somente como usuários de um serviço de saúde.

Palavras-chave: Associações de Usuários de Saúde Mental, Empoderamento e Autonomia, Saúde Mental.

Abstract

The present work aims to present the actions carried out by an association of users, family members and friends of mental health in Parnaíba, Piauí. This is an experience report, where observation of the meetings and coordinated activities of the "Phoenix" association of mental health users, family members and friends during the years 2016 and 2017 were recorded in field diary and used as a subsidy of data for the production of

this study. The association works with a philanthropic nature and non-profit in the city of Parnaíba, holding meetings in different spaces of the social fabric of specialized mental health services. Actions were carried out aimed at transforming the "be a user of mental health services" into "being a citizen". These actions were based on the exposure of the capacities of mental

health users from the development of cultural, economic, social and critical spaces. It is concluded that the actions highlighted the potential of mental health users as social actors and not only as users of a health service.

Keywords: Mental Health User Associations, Empowerment and Autonomy, Mental Health.

Introdução

Os primeiros movimentos reivindicatórios relacionados à assistência psiquiátrica brasileira surgiram nos anos 1970, quando trabalhadores e residentes dos hospitais psiquiátricos denunciaram através de uma carta encaminhada ao Ministério da Saúde, apresentando o cenário de descaso e violência encontrados nestes serviços. Com isso foram demitidos 260 profissionais, desencadeando um processo de novas denúncias, manifestações e matérias na imprensa durante vários meses seguidos. Assim nasce o Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental (MTSM), primeiro coletivo com o propósito de reformulação da assistência psiquiátrica brasileira.¹

Movimentos como o MTSM encorajaram uma mudança dos paradigmas da assistência psiquiátrica no Brasil, a partir da Reforma Psiquiátrica Brasileira, nas décadas seguintes. Novas formas de cuidado em saúde mental foram propostas, sustentadas no modo psicossocial, com ações centradas não mais na doença, mas no indivíduo e nas suas potencialidades. O novo modelo propõe um

conjunto de ações inspiradas na substituição do modelo manicomial centrado nos hospitais psiquiátricos através da criação de uma rede com serviços de base comunitária, de características não asilares, preconizando o atendimento por equipe multiprofissional no sentido de fortalecer a reintegração sociocultural das pessoas com transtorno mental.²

O processo de reforma psiquiátrica no Brasil tem sido um dos principais movimentos de defesa dos direitos humanos no país, com transformações nos modos de tratamento e cuidado da loucura e com formas ativas de participação e controle social.³ Entretanto, Luiz, Leal e Galletti⁴ referem que o preconceito e estigma social enfrentados pelos usuários dos serviços de saúde mental ainda são os principais desafios a serem superados no sentido da construção de processos de empoderamento e inclusão social desses sujeitos. O preconceito pode estar associado com as antigas formas de tratamento e visão deturpada sobre estas pessoas, precisando ser enfrentado com a informação e ações sobre as suas potencialidades à sociedade.

Diante disto, as associações de usuários, familiares e amigos da saúde mental representam caminhos possíveis para o rompimento deste preconceito, por meio da tentativa de mudanças nas representações sociais da loucura, com a sensibilização da população em geral e fortalecimento dos associados, a partir da sua “re-transformação” em cidadãos, através do estabelecimento da luta por seus direitos e implementação de projetos que se destinem, dentre outras coisas, a sua reinserção social.^{4,5}

As ações das associações de usuários, familiares e amigos da saúde mental abrangem tanto o aspecto cívico, de representação em instâncias políticas formais com efetiva contribuição nas discussões sobre saúde mental e nas políticas públicas, quanto ao aspecto voltado para a expressão de interesses e identidades. Em geral, as associações se propõem a defender os direitos de seus integrantes, mas, mais que isso, devem estar em consonância à um movimento social amplo, de defesa dos direitos humanos e busca por dignidade, exercendo assim, papel importante de colocar em debate essas questões sociais de interesse coletivo.⁶

Desta forma, o presente trabalho tem como objetivo apresentar as ações realizadas por uma associação de usuários, familiares e amigos da saúde mental da cidade de Parnaíba – município localizado no litoral do estado do Piauí e sendo a segunda maior economia do Estado – por meio de um relato de experiência e discutir frente a literatura publicada.

Métodos

Trata-se de um estudo descritivo e observacional, do tipo relato de experiência, desenvolvido no período de janeiro de 2017 a dezembro de 2018, na cidade de Parnaíba, estado do Piauí.

O artigo irá tratar sobre a observação e a experiência de vivenciar as reuniões da associação “Fênix” de usuários, familiares e amigos da saúde mental, no qual trabalha com natureza filantrópica e sem fins lucrativos, sem uma sede fixa, realizando suas assembleias em locais fora dos serviços de saúde mental da cidade. O III Encontro de Formação Política de Usuários e Familiares da Saúde Mental, realizado na Praia de Maramar, em Luís Correia, também no estado do Piauí, em maio de 2013, pode ser considerado o marco inicial da construção da “Fênix”. Neste encontro de três dias, estiveram presentes diversas representações de associações da saúde mental do estado do Piauí. Os primeiros encontros da associação “Fênix” aconteceram ainda no ano de 2013 na Universidade Federal do Piauí. Desde então os encontros ocorrem pelo menos uma vez ao mês, com participação de associados provenientes dos diversos serviços de saúde mental de Parnaíba.

Os registros para a coleta de dados foram obtidos a partir da elaboração de um diário de campo com anotações sobre as pautas das reuniões e ações planejadas e realizadas pela associação. As vivências nas reuniões da

associação e os registros em diário de campo foram analisados empiricamente e discutidos a partir da literatura acerca do tema resultando em subsídio para as discussões.

Quanto aos aspectos éticos da pesquisa, não houve riscos aos participantes, uma vez que se tratou de uma Observação Não Participante. Na Observação Não Participante a principal atenção recai sobre a interação pessoal do pesquisador com os indivíduos, grupo e contexto técnico institucional encontrados no ambiente da pesquisa.⁷ Cabe ressaltar que a construção de relatos de experiência dispensa a apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa⁸, por tratar-se de um vivido dos autores.

Resultados e discussão

A Associação “Fênix” de usuários, familiares e amigos da saúde mental se propõe a atuar no desenvolvimento e apoio a projetos científicos, educativos, de esportes, ressocialização, qualidade de vida e empoderamento, garantia de direitos e participação da construção da Política Nacional de Saúde Mental (PNSM) por parte dos seus associados.

Os encontros, também chamados de assembleias, ocorrem mensalmente, de forma ordinária, em diferentes espaços do tecido social dos serviços especializados de saúde mental, em geral, igrejas e colégios dos bairros e, recorrentemente, na Universidade Federal do Piauí. Podem acontecer também assembleias extraordinárias convocadas pelo

Presidente ou com o pedido de pelo menos um quinto dos associados.

Poderão filiar-se à associação pessoas maiores de 16 anos, sendo considerados sócios vinculados aqueles que forem usuários da Rede de Atenção Psicossocial do município de Parnaíba e seus familiares, ou sócios colaboradores: as demais pessoas físicas ou jurídicas que se interessarem em colaborar com os propósitos da associação pela via do trabalho voluntário, prestação de serviço, formação de convênios e/ou contribuição financeira.

Dentre as ações de empoderamento podemos destacar a promoção do exercício da cidadania por meio de atividades sociais, econômicas, políticas e culturais de seus associados e das pessoas com sofrimento psíquico, estabelecendo a garantia de direitos e reinserção dos usuários dos serviços de saúde mental como um ator social, e não como um usuário dos serviços de saúde mental.

Segundo Amarante e Torre³ a inclusão social da loucura e da diferença, no campo do direito ao trabalho, à cultura e à cidade, têm sido marcantes e singulares, rompendo a segregação histórica do louco realizada através das instituições e saberes fundantes da psiquiatria e das práticas manicomiais. Fundamentalmente, se destacam a inclusão pelo trabalho (por exemplo, através da economia solidária e do cooperativismo social, e nos projetos de geração de renda e empreendedorismo no campo da saúde mental) e a inclusão pela cultura e pela

arte (nos projetos e grupos artístico-culturais oriundos da reforma psiquiátrica de cada estado, em diversas linguagens artísticas, como na música, teatro, cinema e vídeo, pintura, blocos carnavalescos, entre outras). Desta forma, é de grande importância a ocupação da cidade e intervenção no imaginário social, por meio de uma multiplicidade de eventos, atos públicos, passeatas, mobilizações, e do debate social acerca dos direitos e de cidadania das pessoas com sofrimento mental.

As abordagens de empoderamento em saúde mental têm um forte caráter autonomista e uma experiência mais longa, associada ao movimento de usuários, e oferecem um amplo espectro de práticas alternativas para a saúde mental dos indivíduos. Tais ações produzem um enorme potencial de inspirar outros movimentos⁸.

Outro relevante campo de atuação da Associação “Fênix” corresponde à contribuição ativa para a divulgação e cumprimento da PNSM visando garantir os direitos civis das pessoas com sofrimento psíquico. Este percurso passa pela compreensão da importância desta política na vida dos usuários dos serviços de saúde mental e encorajamento na luta pela sua (re)construção. Como produto, a associação participou da organização do IV e V Encontro de Formação Política para Usuários e Familiares de Saúde Mental, onde seus participantes expuseram peças teatrais e apresentações musicais, além da participação e presença de associados no movimento nacional “Fora Valencius”, no ano de 2016.

O Movimento “Fora Valencius” ocorreu em todo o país, culminando na ocupação da sala da Coordenação-Geral de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas do Ministério da Saúde (CMAD/MS), em Brasília, contra a nomeação do psiquiatra Valencius Wurch na coordenação nacional de Saúde mental devido à sua ideologia manicomial e antirreformista. A Ocupação “Fora Valencius” permaneceu por 121 dias, dos quais estiveram presentes o então Presidente da Associação “Fênix” Calebe Abreu, além de outros 2 associados, participando de ações políticas e estratégicas, vivências e ações disruptivas, instrumentos técnicos e políticos que põem na prática os preceitos da lei nº 10.216, que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. A ocupação encerrou-se após a desarticulação policial em cumprimento de um mandato do Tribunal Regional Federal, no dia 15 de abril de 2016. Porém o sentimento foi de vitória, visto que o movimento continuou por todo o país, com apoio de associações de saúde, resultando na exoneração de Valencius Wurch em 9 de maio de 2016.

Um importante aspecto das associações como a “Fênix” é promover a emancipação e autonomia crítica dos seus associados. Como referido por Cunha e Goulart⁵ a participação dos usuários na cena pública e no centro de decisões vê-se como uma conquista crescente de seus direitos e de sua autonomia. Esse protagonismo tem ganhado espaço em um regime democrático, pondo às associações no

lugar de representação do usuário, cobrando do poder público ações da Reforma Psiquiátrica condizentes aos princípios da Luta Antimanicomial, como questões no tocante aos direitos humanos.

No intuito de promover a mudança das representações sociais dos usuários dos serviços de saúde mental, a “Fênix” promove ainda ações que evidenciem suas potencialidades enquanto atores sociais e não como usuários de um serviço de saúde. Essa transformação do “ser usuário dos serviços de saúde mental” em “ser cidadão” acontece a partir da exposição de suas capacidades de desenvolvimento em espaços culturais (como apresentações artísticas musicais, teatrais, etc), em espaços econômicos (com a produção e venda de peças artesanais, quadros, dentre outros) e em espaços sociais (com encontros de grupos de entretenimento e lazer).

Ainda existe grande preconceito sobre a participação de usuários de serviços de saúde mental na sociedade, visto que há uma desvalorização das contribuições sociais deste público e pouco reconhecimento político-social de suas ações. Para superar tal questão é necessário evidenciar suas potencialidades e atuações enquanto cidadãos⁹.

Pudemos perceber uma grande dificuldade no que concerne à organização da diretoria da associação enquanto corpo atuante, visto que sua atividade é iminentemente protocolar, deixando a lacuna enquanto movimento

mobilizador. Desta forma, notou-se uma baixa frequência de usuários nas assembleias ordinárias realizadas no período da observação. Outras dificuldades percebidas referem-se a falta de uma sede fixa para a realização das ações e assembleias e a necessidade de financiamentos advindos de ajuda voluntária para manter-se.

Considerações finais

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou a apresentação das ações e movimentos realizados pela associação “Fênix” de usuários, familiares e amigos da saúde mental. Além disso, permitiu ainda uma reflexão e discussão sobre a função e importância deste tipo de associação na sociedade contemporânea.

Pôde-se observar que, de modo geral, esta associação visa o empoderamento, a emancipação e autonomia crítica dos seus associados com ações de promoção do exercício da cidadania por meio de atividades sociais, econômicas, políticas e culturais, além do encorajamento na luta pela (re)construção da PNSM. Outra ação significativa diz respeito a evidenciar as potencialidades dos usuários da saúde mental enquanto atores sociais e não somente como usuários de um serviço de saúde. Estas ações pautam-se na exposição de suas capacidades a partir do desenvolvimento de espaços culturais, econômicos, sociais e críticos.

Dada a relevância da temática estudada, a produção de novos estudos acerca do tema

abordado é oportuna, considerando a tímida literatura encontrada sobre o tema nos últimos anos no Brasil e os constantes ataques e ameaças sofridos contra a Reforma Psiquiátrica pelo governo atual.

Nesse sentido, a discussão sobre ações de associações de usuários, familiares e amigos da

saúde mental permite fortalecer os princípios propostos pela Política Nacional de Saúde Mental e inspirar a criação de outros movimentos de luta semelhantes. Além disso, a divulgação destas ações gera discussões para superação de preconceitos e mudanças nas representações sobre o louco e a loucura e subsidia a resistência a movimentos contrários à reforma psiquiátrica brasileira.

Referências

- ¹Amarante P, Nunes M de O. A reforma psiquiátrica no SUS e a luta por uma sociedade sem manicômios. *Cien Saude Colet* [Internet]. 2018 [citado 24 de fev 2019]; 23(6):2067–74. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v23n6/1413-8123-csc-23-06-2067.pdf>
- ²Holanda ÍTA, Coutinho MP de L, Costa EC, Costa JP, Jorge MSB. A reforma psiquiátrica e seus desdobramentos: representações sociais dos profissionais e usuários da atenção psicossocial. *Psicol e Saber Soc* [Internet]. 2016 [citado 24 de fev 2019]; 5(1):35–45. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/view/15855/17903>
- ³Amarante P, Torre EHG. “De volta à cidade, sr. cidadão!” - reforma psiquiátrica e participação social: do isolamento institucional ao movimento antimanicomial. *Rev Adm Pública* [Internet]. 2018 [citado 24 de fev 2019]; 52(6):1090–107. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rap/v52n6/1982-3134-rap-52-06-1090.pdf>
- ⁴Luiz CCA, Leal EM, Galletti MC. Desafios enfrentados por usuários da saúde mental. *Rev Ter Ocup da Univ São Paulo* [Internet]. 2018 Sep 21 [citado 24 de fev 2019]; 29(1):63–9. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/140212>
- ⁵De Almeida KS, Dimenstein M, Severo AK. Empoderamento e atenção psicossocial: Notas sobre uma associação de saúde mental. *Interface Commun Heal Educ* [Internet]. 2010 [citado 23 de fev 2019]; 14(34):577–89. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v14n34/aop1410.pdf>
- ⁶Cunha CN, Goulart MSB. A participação política de pessoas com sofrimento mental: a Associação dos Usuários de Serviços de Saúde Mental de Minas Gerais (Asussam-MG). *Psicol em Rev* [Internet]. 2016 [citado 25 de fev 2019]; 21(3):513. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v21n3/v21n3a07.pdf>
- ⁷Marietto ML. Observação Participante e Não Participante: Contextualização Teórica e Sugestão de Roteiro para Aplicação dos Métodos. *Rev Ibero-Americana Estratégia* [Internet]. 2018 [citado 25 de ago 2019]; 17(04):05–18. Disponível em: <http://revistaiberoamericana.org/ojs/index.php/ibero/article/view/2717>
- ⁸Vasconcelos EM. Empoderamento de usuários e familiares em saúde mental e em pesquisa avaliativa/interventiva: uma breve comparação entre a tradição anglo-saxônica e a experiência brasileira. *Ciência e Saúde Coletiva* [Internet]. 2013 [citado 23 de fev 2019]; 18(10):2825–35. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v18n10/v18n10a07.pdf>
- ⁹Sivinski T da C, Paulon SM. Sobre fazer viver a participação dos usuários da saúde mental na produção de saúde TT - About do live the participation of mental health users in health production. *Rev Psicol UNESP* [Internet]. 2016 [citado 24 de fev 2019]; 15(2):51–63. Disponível em: <http://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/view/673/63>

Submissão: 17/05/2019

Aceite: 18/11/2019